

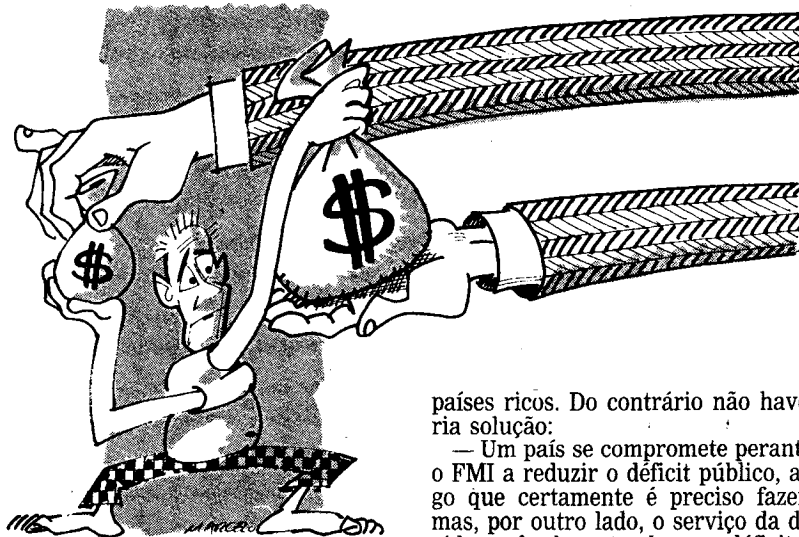
# Mailson: 'Devedores não suportam mais sacrifícios'

JOSÉ MEIRELLES PASSOS  
Enviado Especial

BERLIM OCIDENTAL — O Ministro da Fazenda, Mailson da Nóbrega, afirmou ontem em meio a um franco discurso perante o Comitê Interino do Fundo Monetário Internacional, que tanto credores como devedores já sabem como solucionar a crise da dívida externa. Só que, segundo ele, as idéias não são colocadas em prática porque "falta disposição política (dos países ricos) para transformar tais percepções em ações". Ele advertiu que, por esse motivo, toda a comunidade financeira mundial corre o risco de vir a sofrer prejuízos a curto prazo:

— A minha preocupação é de que, se não tomarmos as providências apropriadas agora, a deterioração do padrão de vida nos países devedores e a crescente frustração em suas sociedades poderão fazer com que haja uma crescente politização sobre a dívida nos nossos próprios sistemas de Governo, e tornar ainda mais difícil encontrar uma solução ordenada para esse problema — disse Mailson.

Ele chegou a falar três vezes perante os demais ministros. Em duas dessas oportunidades, o falou em nome de outros países: primeiro, como líder do Grupo dos 24 (países em desenvolvimento) e, depois, como representante de nações que estão no mesmo grupo do Brasil dentro do FMI. Em sua terceira intervenção, no entanto, falando apenas como Ministro brasileiro, Mailson da Nóbrega foi bem mais incisivo: disse, por exemplo, que os países devedores já não suportam mais os sacrifícios que têm feito há anos. Ele criticou os países ricos por obrigarem os mais pobres a passar por ajustes que classificou como "dolorosos". E, em seguida, desfiou várias razões para explicar o fracasso desses programas



até hoje — justificando, assim, o fato de o Brasil não ter conseguido cumprir parte do acordo feito com o Fundo há três meses.

— Não há dúvida de que os devedores devem promover programas de ajustes. Mas também é justo dizer que eles já fizeram sérios esforços nos últimos anos — alegou Nóbrega. — E todo esse esforço pode se tornar inútil se as taxas de juros (que já cresceram 1,5% este ano) continuarem a subir, se o protecionismo nos países industriais não for revertido e se persistir a deterioração em termos de comércio — disse o Ministro, com veemência.

Ele criticou os programas impostos aos devedores, dizendo que são rígidos e inconsistentes, e desabafou dizendo que a administração da economia está se tornando cada vez mais complexa para os devedores.

Reduzir o déficit público e a inflação são tarefas que, segundo Mailson da Nóbrega, exigem uma ajuda dos

países ricos. Do contrário não haveria solução:

— Um país se compromete perante o FMI a reduzir o déficit público, algo que certamente é preciso fazer; mas, por outro lado, o serviço da dívida acaba levantando esse déficit e aumenta o débito doméstico. Além disso, os empréstimos de instituições financeiras multilaterais requerem uma contrapartida dos países. Mas freqüentemente eles não têm condições de fornecer esses fundos, por causa dos tetos dos gastos públicos, e são forçados a desistir dos recursos estrangeiros, de que necessitam terrivelmente.

Ele lembrou que nos últimos cinco anos a América Latina transferiu, em termos líquidos, US\$ 110 bilhões para os países desenvolvidos. E disse que essa transferência influi na capacidade de investimento e de crescimento dos devedores, além de afetar a administração da economia.

— Vejam o caso do Brasil. Enquanto nos anos 70 o País investiu entre 24% e 25% de seu Produto Interno Bruto por ano, nos anos 80 essa média caiu para 16% a 17%. Na década passada recebemos recursos estrangeiros equivalentes a 4% do PIB; agora, estamos remetendo para o exterior o equivalente a 4% do PIB — revelou o Ministro.